

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 4, 1984

Páginas 208 - 215

Os Anjos, de Maria Teresa Horta. Lisboa,
Litexa Portugal, 1983.

5 Espaços, de Maria Mello Giraldes. Lisboa,
& etc, 1983.

Maria, Maria

Marlise Vaz Bridi Ambrogi

De Portugal de tantas Marias, chegam as vozes de duas. Uma, voz poética consagrada por antigas e renitentes batalhas: Maria Teresa Horta. Outra, voz poética estreante, mas de consagrada tradição: Maria Mello Giraldes. Uma de Os anjos, outra de 5 espaços. Vozes diversas muitas vezes, a compor acorde dissonante, contemporâneo, plural.

Apresentar a primeira sobeja. Apresentar a segunda é remeter ao seu único (por primeiro) livro. Não há melhor apresentação que a própria obra (quer de uma, quer de outra).

Mas diga lá, meu coração, o que leu e sentiu.

Os anjos da Maria Teresa Horta são a radicalização de uma linguagem poética nascida do corpo, re

conhecível nas páginas de seus livros anteriores, desde os primeiros. As imagens ora eleitas (desposadas) pela poetisa têm sua fonte no vocabulário quase "científico" do auto-conhecimento feminino, desentranhado do jargão dos tratados de sexologia ou de comportamento sexual, para ser suavemente recoberto por um imaginário rico das sugestões mais expostas, porém, ainda e antes de tudo, sugestões:

Este é o anjo do apocalipse
com a sua espada
fulva
funda

Embainhada na nossa
vagina!

O erotismo deslavado, que teve uma função inaugural dentro da linguagem feminina portuguesa, empresta sua palavra para a dissolução do processo de repressão assumida pela mulher, que introjetou padrões (de linguagem e conduta) tradicionalmente atribuídos a ela como próprios.

Nesse sentido, estabelece-se uma poética do atrevimento, onde se busca o mais além das palavras caladas desde o corpo (convivas de seu silêncio), onde se vasculha o representado nos interstícios dos subterâneos, atulhados pela expressão estrangeira à experiência feminina.

Momento decisivo dessa exposição é o que

toca a relação mãe/filha - tema do livro a publicar, Minha mãe, meu amor - relação em parte negligenciada até mesmo pelo discurso psicanalítico que não ultrapassa em muito as dimensões da identificação ou da disputa da mesma figura masculina (parceiro/pai), quando, na realidade, pode perpassar espaços de mais complexa intensidade:

(ã minha mãe)

Vens de um sonho
tomado
da infância

quando comigo deitada nos lençóis
me abraçavas
E o orgasmo te transformava as asas

Ainda que resguardada pelo universo do sonho, a mãe é deslocada de seu habitual peso mítico, franca e redutoramente sacralizador dentro da cultura ocidental. Dessacralizada, e exatamente por isso sacralizada ao avesso, a mãe é concebida como mulher, com corpo (o orgasmo da mãe) e não mais como ser amputado de sexualidade e prazer próprios. Porém, o que mais desperta a sensação de estranhamento é esse corpo se manifestar, em sua plenitude, na relação mãe/filha, o que estabelece um potencial de espelhamento mais profundo que o da mera identificação: a mãe renasce nas palavras da filha, a partir da filha que se sabe mulher de corpo inteiro. A mãe-mu

lher alça à totalidade como mãe-filha do auto-conhecimento de mulher que, através de si, parte para o conhecimento da outra. Dessa outra que está na sua origem e é seu espelho, modelo. A teia que se implanta é então muito forte: a mãe é a origem da mulher-poetisa, mas só a palavra da poetisa empresta corpo à mãe. Desse modo, através da imagem da mãe, se enlaçam corpo e palavra, escopo da poética feminina.

A tensão dos poemas - e do Poema como to do - advinda do precário equilíbrio entre essa linguagem corporal assumida e imagens de sentido cambiante compostas de anjos, asas e vôos, espraia-se por seis partes e 92 poemas, que na edição especial, lindamente acompanha da dos desenhos de Isabel Lobinho, se reduzem a 28. Pouco a pouco, essas imagens, nitidamente corporais, acrescentam matizes e alargam o lugar para a expressão do feminino no espaço poético, não sem criar, é óbvio, outras arestas: essa Maria continua na batalha.

Para Maria Mello Giraldes, a expressão do feminino reveste-se de outra feição. Admiradora confessa de Antonio Ramos Rosa, inscrita na tradição da modernidade que busca, intencionalmente, desarmar a palavra de sentidos e direções prévias, conjuga, em 5 espaços, a luta com a palavra e com o silêncio que ela encerra. Poema de sondagem interior, implanta imagens cuidadosamente desgarradas de evocação imediata ou convencional para guiar-se pelo insuspeitado. Não há, portanto, um universo semântico marcadamente definido como orientador da lei

tura: a ausência de uma constelação fixa de imagens, de imediato, propõe ao fruidor a atitude de também sondar (sondar-se) através da linguagem abraçada.

A minha sondagem (leitura) segura-se em um sutil indicador que desde os primeiros passos da in vestida agarrou-me: a palavra corpo. Nos versos de ab tura lá está ela:

uma linha marca um ponto
desejo de amar e mais
teu corpo

O corpo como divisa, demarcatória de espaços, percorre o todo do Poema e, aos poucos, vai abandonando a figura do outro (teu corpo) para deslocar-se em direção ao do eu emissor da voz poética. Como a rigor não se pode falar em poemas, mas ainda com mais razão em Poema, perseguir seu movimento interno pode ser elucidador. Os versos (também aqui temos de utilizar a terminologia

já que a disposição da palavra na página é, de acordo com a tradição da modernidade, mais significativa que o que é convencionalmente chamado de verso), os pas sos que contêm a palavra corpo explicitam a atividade in terior do Poema. Ao longo dos três primeiros espaços, o deslocamento do outro para o eu é visível:

primeiro espaço
desejo de amar e mais
teu corpo
.....

a forma do teu corpo esparso

 corpo girando nas ruas
 como no espaço giram
 as esferas.
 segundo espaço
 corpos entornados
 falam de coisas iguais
 terceiro espaço
 um ritmo sábio bebia meu corpo
 o peso esfomiava-me

 .apenas um sonho necessário
 delineando os cantos do meu corpo.

 os barulhos tinham som
 os gestos tinham corpos.

A progressão teu corpo/teu corpo/corpo (1ª esp.) corpos (2ª esp.) meu corpo/meu corpo/corpos(3ª esp.) diz por si só. Entre o teu e o meu corpo, a linguagem per passa pelo corpo genérico (corpo/corpos) das coisas e dos gestos. A direção é o da tentativa da recuperação do eu, inicialmente perdido no outro. No ápice desse processo, na abertura do quarto espaço, em uma única página, ressurge o corpo (meu corpo) três vezes conclamado como imagem. Des- sa vez, no entanto, volta a estar perdido, mas em outra espécie de perda. Será agora o eu que não mais reconhece sua unidade e é forçado a repartir-se no que é, e no que observa. Trata-se, ainda e sempre, da repercussão da per da do outro na fragmentação do eu, tema dileto da moderni- dade tão apropriado ao específico feminino.

era tudo força.
e o peso da ternura ao meu colo
resplandecia num satélite
caído no ventre.

lá fora o meu corpo falava
de silêncios e folhas.
debaixo das águas
o sol do girassol.

um lençol
imenso
cobria e descobria
a fala ia reaprendendo a fala
uma descoberta na cor
do meu corpo

o cabelo inclinado
os olhos cobrindo o espaço

uma mulher deitada
e eu dentro desse corpo
respirando

Quando o outro não redundava na afirmação
demarcação do eu ou da unidade, como deseja a especu-
ção filosófica, compõe-se o quadro da fragmentação: o eu
divide-se em máscaras inconciliáveis, no eu que assiste
a um outro eu ("uma mulher deitada/e eu dentro desse cor-
po/respirando"). Trata-se, em última instância, da perda
do corpo, chão físico da existência do eu e do outro, se
quer mencionado no quinto espaço.

O corpo que perdura é o corpo do Poema.

Esse que cuidadosamente escolhe palavras e imagens não recorrentes para, também cuidadosamente, preservar a força da linguagem inaugural, em estado bruto, não é a toa que elege a palavra corpo. O Poema escreve-se desde o corpo, enquanto origem, para diluir-se nele, onipresença do enamorado da palavra. Na poesia de Maria Mello Giraldes, o feminino esbarra com o silêncio da palavra, mas não cala com ela. Fala (grita) apesar de.

Como diz Maria Teresa Horta em sua fala abrangente que a todas dá voz:

Nós somos as bruxas
da palavra

Afinal, Maria, Maria têm a estranha mania de ter fê na vida.